

Collor, Afif e Maluf dividem a preferência entre os militares

GUILHERME EVELIN

BRASÍLIA — Depois de 29 anos sem eleições diretas para Presidente — 21 dos quais sob o regime implantado em 1964 —, a alta cúpula militar e a oficialidade vão às urnas com as preferências divididas entre três candidatos: Fernando Collor de Mello (PRN), Guilherme Afif Domingos (PL) e Paulo Maluf (PDS). Como instituição, no entanto, as Forças Armadas têm marcada uma posição de isenção e neutralidade.

Collor é o candidato dos três Ministros: Leonidas Pires Gonçalves (Exército), Henrique Sabóia (Marinha) e Octávio Moreira Lima (Aeronáutica), que decidiram votar no ex-Governador alagoano após o revés de Afif Domingos nas pesquisas. Há um mês, Afif poderia ser apontado, por maioria absoluta, como o preferido dos oficiais superiores e oficiais-generais das três Forças. Isso apesar da contradição entre sua postura neoliberal e as posições nacionalistas adotadas pelos militares em questões como, por exemplo, a reserva de mercado para a informática. No entanto, depois que entrou em queda livre nas pesquisas, Afif está sendo vítima do voto útil, ora em favor de Collor, ora de Maluf.

Enquanto Afif tem, para os militares, o perfil ideal do Presidente da República, Collor é visto, por outro

lado, como um jovem imaturo, mas com algumas qualidades.

— Ele parece ter a cabeça meio oca, mas é persistente e corajoso e poderá fazer um bom Governo, se for bem assessorado — analisa um general ligado à área de informações, ex-eleitor de Afif Domingos.

Paulo Maluf carrega o estigma das ligações com o Governo João Figueiredo, mas é bem votado principalmente entre os saudosos do regime militar e que já o tinham apoiado contra Tancredo Neves, na eleição pelo Colégio Eleitoral em 1984.

Os demais candidatos ou têm pouca penetração ou sofrem repulsa total. Ulysses Guimarães (PMDB) é rejeitado pelas declarações que fez — comparou a Junta Militar de 1969 aos Três Patetas e chamou de “facinoras”, no discurso de promulgação da Constituição, os militares que se envolveram em torturas e na repressão política na década de 70 —, mas pode ter um voto de peso: o do General Ivan de Souza Mendes, Ministro-Chefe do Serviço Nacional de Informações, de quem é amigo pessoal.

O “tucano” Mário Covas (PSDB) é reconhecido como administrador eficiente, mas posto sob suspeita, por sua atuação na Constituinte. Aureliano Chaves (PFL) era o candidato dos militares para suceder Figueiredo, mas, na medida em que sua campanha se esvaziou, sua popularidade também caiu na caserna.

Rejeição a Brizola, Lula e Freire

Leonel Brizola (PDT), Luís Inácio Lula da Silva (PT) e Roberto Freire (PCB) são os candidatos-alvo de repulsa total dos militares. Brizola não é marxista — o pecado de Lula e Freire, do ponto de vista dos militares —, mas não é perdoado por causa da Rede da Legalidade que formou no Rio Grande do Sul, para tentar garantir a posse de João Goulart na Presidência da República.

Um governo do PT geraria, na opinião de um general, “uma expectativa desagradável entre os militares”. Ele considera Lula um fantoche das correntes do PT e não sabe dizer se o Grupo Articulação — predominante na direção do partido — saberia impor sua linha política mais moderada, uma vez no Governo.

Os Ministros militares — reunidos em almoço de trabalho, no segundo semestre — decidiram não se encontrar com nenhum dos candidatos durante a campanha e encaminhar o processo de transição para o próximo Governo somente com o novo Presidente eleito.

O único militar a se encontrar com candidatos foi o Comandante da Escola Superior de Guerra, General Oswaldo Muniz Oliva, que conversou com Collor. Sabe-se que Oliva

encontrou-se também com outros candidatos — para expor os objetivos estratégicos permanentes do País, no ponto de vista da ESG. Apesar da sua condição sui generis — Comandante da Escola Superior de Guerra, está desligado do Exército e vinculado ao Estado-Maior das Forças Armadas —, a iniciativa de Oliva não foi bem vista pelo Alto Comando do Exército.

O Comandante da ESG, pai do principal assessor econômico do PT, Aloísio Mercadante Oliva, é citado como o provável Ministro do Exército de Collor. Mas há outros nomes, entre eles o do General Waldir Eduardo Martins, Chefe do Estado-Maior, e o do General Wilberto Lima, Comandante Militar do Leste, designado para Ministro do Superior Tribunal Militar. Ambos têm perfil “moderado” e são muito ligados ao Ministro Leonidas Pires Gonçalves.

Na Aeronáutica, os mais cotados são os Brigadeiros Murillo Santos, Secretário de Economia e Finanças, e Sócrates da Costa Monteiro, Comandante Geral do Ar. Na Marinha, o favorito é o Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Mário César Flores, oficial de perfil liberal e considerado brilhante estrategista.